

A carência de bens materiais ou até de afecto não impede que os protagonistas de José Mauro de Vasconcelos e de Maria Rosa Colaço encontrem um espaço para a utopia, porque, como escreve esta última, "Eles podem ser o / Ódio. / Ensinemo-los a ser o / Amor". (s/p)

A literatura para crianças não é uma ilha nas representações culturais de cada sociedade. Seria, quando muito, um icebergue, por isso ela merece cada vez mais uma atenção e um espaço fulcrais na educação da criança (e não só nos contextos de aprendizagem formal). Ela pode reproduzir a "adultização" referida, no seu pior sentido, capaz de destruir as utopias de infância necessárias ao equilíbrio da sociedade; mas pode também recriá-las e ser um artefacto compensatório, uma forma de criar vinculações que contribuam para que a criança ouvinte e/ou leitora cresça mais adaptada à vida social e mais competente para ajudar os outros (Cassidy, 1988).

Bibliografia

- Aguado, Teresa et al. (2002, s/d), *Inter-Guide - A practical guide to implement intercultural education at schools*, Projecto Comenius 2.1. INTER Project, n.º 106223 -CP1-2002 - 1 - COMENIUS - C21.
- Anjos, Juliane Olívia (2011), *Sentidos da infância e da educação: entre o cuidado com a vida e o cuidado com o mundo*. S. Paulo, Universidade de S. Paulo, s/d. In: <https://sistemas.usp.br/sicusp/cdOnlineTrabalhoVisualizarResumo?numeroInscricaoTrabalho=4420&numeroEdicao=17>. Acedido 30/8/2011.
- Banks, James (1994), *An introduction to multicultural Education*. Boston, Allyn & Bacon.
- Bettelheim, Bruno (1985), *Psicanálise dos contos de fadas*, Amadora, Bertrand, (ed. orig. 1975).
- Cassidy, Jude (1988), "Child-mother attachment and the self in the six-year-olds" in: *Child development*, 59, 121-134.
- Colaço, Maria Rosa (1989), *Gaioteira*. Lisboa, Caminho.
- _____. (1983), *Maria,Tonia como eu*, Lisboa, Distri:EDITORA.
- _____. (1980, 1961), *O Espanita Randais*, Lisboa, Edições Nave.
- _____. / Gageiro, Eduardo, (1979), *Estas crianças aqui*, Lisboa, Terra Livre.
- Melo, Christian S. / Ivashita, Simone B. / Rodrigues, Elaine (2009), "O Desaparecimento da Infância" - Resenha do livro de Neil Postman (1999), Rio de Janeiro, Graphia Editorial (1.ª ed. americana 1982). Revista HISTEDBR On-Line. Campinas, n.35, 311-316, Set. 2009.
- Morgado, Margarida / Pires, Maria da Natividade (2010), *Educação Intercultural e Literatura Infantil. Viaemos num mundo sem esconderijos*, Lisboa, Colibri.
- Pires, Maria da Natividade / Agostinho, Clotilde (2002), "Infâncias vividas - Cidadãos em construção: papel da Literatura para Crianças e Jovens no desenvolvimento da cidadania", in *VII Encontro Internacional da Sociedade Internacional para Estudos da Criança (SIEC) - "Criança, Vida Activa e Cidadania"*, Espinho, 28 a 31 de Outubro, 2002.
- Postman, Neil (2002), *O Fim da Educação. Redefinindo o valor da escola*, Lisboa, Relógio d'Água (ed. orig. 1995).
- Vasconcelos, José Mauro de (1995, 1968), *O Meu Pê de Laranja Lima*, São Paulo, Dina-livro/ Melhoramentos.
- _____. (1993, 1974), *Vamos aquecer o sol*, São Paulo, Dinalivro/ Melhoramentos.
- _____. (1993a, 1973), *O Veleiro de Cristal*, São Paulo, Dinalivro/ Melhoramentos.
- _____. (s/ d, 1962), *Rosinha, Minhá Canoa*, Lisboa-Porto-Luanda, Centro do Livro

Os "dias do fim" de uma infância angolana em Bom dia camaradas, de Ondjaki

ANA RIBEIRO

... los niños son las flores de la Humanidad!
Ondjaki, *Bom dia camaradas*

Eu em Angola

De acordo com uma entrevista disponibilizada por um site brasileiro,¹ o primeiro romance publicado por Ondjaki, *Bom dia camaradas* (2003), resultou de um convite feito por um editor angolano interessado na perspectiva do escritor sobre a independência de Angola. Se esta solicitação é bem reveladora da importância deste acontecimento histórico, da dupla função da literatura como agente e espelho dessa importância e da aposta num jovem autor que tinha acabado de se estrair,² a maneira como este responde ao desafio que lhe foi lançado não está também isenta de implicações, relevantes sobretudo para o assunto que nos ocupa:

Eu nasci em 1977, dois anos depois da independência, e eu pensei que a minha visão sobre todo esse processo histórico era a da minha própria infância. Organizei algumas memórias, preparei alguns capítulos e comecei a escrever. Claro que tive que ficcionalizar a minha vida, e a dos outros também. Mas um livro é sempre isso.

Num cruzamento entre história individual e história nacional, o autor decide associar a sua vivência infantil a um acontecimento determinante na construção da, também ela, jovem nação.

Numa outra entrevista disponível online,³ Ondjaki assinala o caráter ancliar de que se reveste a reconstrução epocal, afirmando: "É um livro sobre a infância. Só que a nossa infância em Luanda tinha muito de político e histórico, então é preciso se referir a esses aspetos". A chegada da tia Dada, o passeio com ela por Luanda, a participação num programa de rádio e numa celebração do 1.º de maio, a preparação para a visita-surpresa do camarada inspetor permitem focar múltiplas vertentes da vida angolana de então. O próprio título da obra, *Bom dia camaradas* (BDC, daqui em diante), pelas implicações ideológicas de "camaradas", remete para o substrato histórico desta infância vivida na época da implantação de um regime de inspiração marxista pelo MPLA. No interior do romance, é o professor Ángel que assinala as interferências do processo histórico no devir individual: "*Las tentativas de acuerdo de paz, la llamada presión internacional, todo eso no pasa sólamente en el telulario, va a pasar de verdate en su país, en sus vidas, en sus amistades...*" (109).

¹ http://www.carranaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12046.

² Foi em 2000 que Ondjaki publicou o seu primeiro livro, *Acta sangüínea*, obra de poesia que lhe valeu uma menção honrosa no Prémio António Jacinto. A edição original do romance em estudo data do

Crianças na ficção angolana

Ao colocar no centro das atenções a infância, em detrimento dos grandes heróis nacionais ou dos momentos-chave da conquista da independência, Ondjaki dá visibilidade a um estrato da população angolana sem intervenção direta no rumo da História nacional, ao mesmo tempo que, implicitamente, assinala a influência desse acontecimento não só na vida dos mais novos,⁴ como, indiretamente, no futuro da nova nação, da qual eles seriam os chamados “pioneiros”. Aliás, não será por acaso que o romance começa precisamente com uma conversa entre o protagonista infantil e António, o empregado já de certa idade, sobre este facto histórico:

Mas, camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre? [...]

– Menino, no tempo do branco isto não era assim...

Depois, sorria. Eu mesmo queria entender aquele sorriso. Tinha ouvido histórias incríveis de maus tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos e tudo o mais. (13)⁵

A curiosidade e a incompreensão do pequeno põem em destaque as conquistas desse momento fundacional ao contrastar um presente euforicamente apresentado como um tempo de liberdade, de justiça e de humanidade com um passado de crueldade. É este o pano de fundo em que se desenrola a infância do protagonista, apresentada pelo seu próprio olhar, como este excerto evidencia. Valendo-se da sua vivência particular, o autor ficciona, através do menino Ndalu que foi, uma visão infantil da época, entregando ao protagonista a condução desta viagem pelo passado pessoal e coletivo. Ao escolher esta via, o autor, como diz Suzana Pilar Lopes Cardoso Gutierrez, “faz a história do seu país ser contada de um lugar não marcado e, de certa forma, não ideologizado ou partidarizado, pois enana da singeleza e inocência de uma criança”.⁶ No entanto, uma vez que “o olhar sobre a infância lê um olhar do presente sobre o passado”,⁷ o protagonista acaba por ser a reconstrução do “eu” que existiu pelo “eu” em que este se tornou e que escreve sem deixar de ser adulto e ter a visão própria desta idade. A camuflagem do olhar adulto sob a ingenuidade infantil funciona como um piscar de olhos que apela à cooperação do leitor. Por outro lado, esta opção, que radica numa certa conceção de infância, influencia ainda o discurso, que, sem prejuízo da poeticidade que exibe em certas passagens, se caracteriza pela sua natureza descontruída e oralizante.

Como o autor diz a respeito de *Os da minha rua*, este tipo de linguagem é ele mesmo característico de uma época, favorecendo, por conseguinte, o enraizamento temporal da ficção:

Ao viajar para essa época, eu sou transportado a esse tempo e surge uma linguagem, uma linguagem de ternura, de melancolia, de uma boa nostalgia, e essa

⁴ Numa entrevista colocada em <http://www.ueangola.com/index.php/entrevistas/item/365/ht-descrever-enquanto-fizer-sentido.htm>, Ondjaki, embora recuse a designação de “fruto da independência”, inclui a independência entre os fatores históricos que influenciaram o seu devir pessoal.

⁵ Todas as referências são feitas a partir de Ondjaki, *Bom dia camaradas*, 2.ª ed., Lisboa, Caminho, 2007.

⁶ Gutierrez, Suzana Pilar Lopes Cardoso, “A infância é um antigamente que sempre volta: representações da angolanidade no romance *Bom dia camaradas*”, disponível em <http://www.cultr.ufba.br/encicil/2008/14589.pdf>.

linguagem dá-me ideias, ou seja, muitos desses contos de *Os da minha rua*, eles têm uma ambiência que é essa ambiência dos anos 80 e isso faz estilo.⁸

A forma de expressão adorada, bem como o olhar pretensamente cândido do narrador infantil, contribui para o tom divertido do texto, sobretudo na primeira parte. Se pensarmos que a ação do romance decorre no período pós-independência, com a guerra civil como pano de fundo, este tom pode parecer um tanto desfocado, mas também aqui se manifesta a angolanidade da obra, pois, como o autor reconhece, “É uma das coisas que perigo na cultura angolana, a força cultural positiva, o riso como opção primeira às dificuldades”.⁹

Uma vez que “infância é um antigamente que sempre volta”,¹⁰ é ela a protagonista em publicações posteriores do escritor, designadamente o já referido *Os da minha rua* (2007) e *Avó Dezanne e o segredo do sovietico* (2008).¹¹ Segundo o autor, “Trata-se de mundos semelhantes, os desses três livros, com espaços reais e literários que se complementam”.¹² Ondjaki junta-se assim a outros escritores seus compatriotas que retratam universos infantis angolanos. Para Tânia Macedo (2007: 357-373), o autor em estudo é o último descendente de uma linhagem que inclui Luandino, Boaventura Cardoso, Jofre Rocha, Manuel Rui, Hendrik Vaal Neto, Roderick Nelhene e Jacques Arlindo dos Santos. A figuração da infância nestes autores leva a investigadora brasileira a considerar que “talvez poucas personagens possam exemplificar as transformações pelas quais passou o país e a literatura de Angola nos últimos cinquenta anos como as infantis, na medida em que as várias denominações que elas recebem são o indicio dessas modificações, assim como a sua configuração, que indica novas formas de narrar” (*op. cit.*, p. 358). Estas representações da infância atestam “o pacto com o real extratextual, de forma que os fatos da realidade conformam na maior parte das vezes os textos” (*idem*: 372).

BDC: um Bildungsroman

Mesmo sem pôr em causa a natureza ficcional das obras, a ancoragem na realidade extraliterária remete-nos para a questão genológica. Relativamente ao texto em análise, as referências ao “Dos Santos... amigo” (82), à presença cubana, a *slogans* como “A luta continua. A vitória é certa”, à guerra civil e ao acordo de paz, que viria a fracassar, dão uma coloração histórica à narrativa. No pólo oposto, o reconhecido lastro autobiográfico da obra direcionamos no sentido de um texto de caráter intimista. Também não está de parte a classificação do texto como “roman d'enfance ou récit fictionnel”, designação que Jacques Lecarme propõe para textos centrados na infância em que a componente autobiográfica é menos preponderante do que no “récit d'enfance” (Lecarme, 1988: 23-24).¹³ Enquanto cada uma destas classificações recobre apenas elementos isolados da

⁸ www.guildeleitura.com/2010/09/ondjaki-e-a-positiva-da-infancia.html.

⁹ “Ondjaki – novo livro + entrevista”, <http://ricardorisio.blogspot.com/2008/05/ondjaki-novo-livro-entrevista.html>.

¹⁰ Assim começa o texto do autor que ocupa a contracapa da edição utilizada.

¹¹ Este último romance é o objeto do nosso estudo “Infância no pós-independência angolano em *Avó Dezanne e o segredo do sovietico*”, publicado na revista *Diácritica*, n.º 24/3, em 2010.

¹² “Ondjaki – novo livro + entrevista”, <http://ricardorisio.blogspot.com/2008/05/ondjaki-novo-livro-entrevista.html>. A esta triade com crianças juntam-se três outros livros para crianças, designadamente *Yvari, a menina das cinco tranças* (2004), *O leão e o coelho saltado* (2008) e *O uso do golfinho* (2009).

¹³ Estas categorias não deixam de ser questionáveis, tanto devido ao facto de a autobiografia em literatura não ser uma entidade imutável, como à diversidade temático-estilística da autobiografia em geral.

obra, parece-nos que a sua consideração como *Bildungsroman* faz mais justiça ao romance, permitindo dar melhor conta das suas múltiplas facetas, já que o chamado romance de aprendizagem ou de autoformação combina elementos dos géneros narrativos mencionados.¹⁴ Na literatura angolana, *Nós os do Makulusu*, de Luandino Vieira, *As aventuras de Nyaniga* ou mesmo *Mayombe*, ambos de Pepetela, são outros romances que se podem enquadrar nesta categoria.

Em *BDC*, temos, pois, um protagonista de terra idade inspirado nas vivências pessoais do autor, cujas experiências do dia a dia ajudam a configurar um ser. Tal como em *Os da minha rua*, a obra em estudo está organizada de forma a representar “uma ascensão de idade física e mental”,¹⁵ que dá ao romance a orientação teleológica típica do (sub)género referido. A divisão do texto em duas partes é bem significativa dessa evolução, principalmente se atentarmos ao contraste entre a natureza otimista e positiva da primeira e o caráter mais sombrio da segunda.

Além disso, e fazendo jus ao substrato histórico da narrativa, como diz Bakhtine a respeito do que designa como romance de aprendizagem realista, “L'évolution de l'homme y est indissoluble de l'évolution historique. La formation de l'homme se fait dans le temps historique réel, nécessaire, avec son futur, avec sa profonde chronotopicit^é” (Bakhtine, 1984: 229). O crescimento individual processa-se assim numa realidade também ela em construção, mas nem por isso menos influente.

Infância e rotina

A este mundo em devir contrapõe-se a vida aparentemente rotineira do narrador-amenino. Adorando uma sequencialização quase diarística, cada capítulo retrata um dia do protagonista desde o despertar: “Acordei cedo e muito bem-disposto [...]” (33) ou “Acordei novamente bem disposto [...]” (49). Esta insistência na boa disposição, que se propaga ao quarto capítulo – “Acordei outra vez bem disposto [...]” (77) –, não é certamente casual. Ela sugere uma ideia de felicidade, ajudando a traçar um retrato positivo do mundo em que o protagonista vive.

A tolar este cenário luminoso, o primeiro capítulo da segunda parte é o único de ambiente noturno, instalado logo desde a abertura: “Era de noite, estávamos a conversar na varanda, a tia Dada e eu” (97). O início dos capítulos seguintes repõe o cenário matinal. Numa espécie de diálogo com a primeira parte, volta a referência à boa disposição, mas agora para assinalar a falta desta: “Por acaso nessa manhã já não acordei bem-disposto [...]” (107). A quebra da rotina sugerida pela nota negativa é reforçada, no incipit do terceiro capítulo, pela alteração do pequeno-almoço habitual: “Não ia poder matricular leite com café, como todos os dias de manhã, porque como ficava nervoso no primeiro dia de frequências, o leite com café provocava cólicas” (115). O ambiente solar da primeira parte fica definitivamente comprometido com a previsão de “uma manhã cinzenta” (127) nas linhas iniciais do último capítulo. O equilíbrio e a estabilidade sugeridos pelas repetições da primeira parte, pilares da felicidade do protagonista, entram em rutura, substituindo o entusiasmo panorâmico inicial por um cenário de abatimento, melancolia e indefinição.

Os da minha casa

Independentemente da tonalidade de cada uma, tanto na primeira como na segunda parte, a vida do protagonista reparte-se entre a casa e a escola. A primeira é o espaço da família, reunida às refeições. O pequeno-almoço é, em geral, um momento particularmente agradável do quotidiano do protagonista:

Se, quando me acordavam, eu me lembrasse do prazer do matutino assim de manhãzinha, eu acordava bem-disposto. Matricular cedo em Luanda, cuia! Há assim um fresquinho quase frio que dá vontade de beber leite com café e ficar à espera do cheiro da manhã. Às vezes mesmo com os meus pais na mesa, nós fazíamos um silêncio. Se calhar estávamos mesmo a cheirar a manhã, não sei, não sei. (21)

Este é, poder-se-ia dizer, um pequeno-almoço luandense, pois o seu encanto é inseparável do local onde ocorre. De acordo com este trecho, são as pequenas coisas que cativam o narrador-protagonista, detentor de uma sensibilidade particular.

Ao almoço, porém, desaparecem o enlevo e o recolhimento matinais:

Assim já era hora do almoço. As minhas irmãs chegavam da escola, o meu pai também chegava. A casa ficava mais barulhenta, mais o barulho do rádio na sala para ouvir as notícias, mais o rádio do camarada António ligado na cozinha, mais a minha irmã caçula que queria contar tudo o que se tinha passado na escola nessa manhã. Ela sabia que tinha que se despachar porque quando fosse uma hora em ponto ia ter que parar o relato para deixar os pais ouvirem as notícias. (25-26)

O interesse pelas notícias revela uma preocupação comum com a situação nacional, caracterizada por uma dececionante estabilidade:

Nós ficávamos um bocadinho aborrecidos com as notícias, porque era sempre a mesma coisa: primeiro eram as notícias da guerra, que não eram diferentes quase nunca, só se tivesse havido alguma baralha mais importante, ou a UNITA tivesse partido uns postes. (26)

Do ponto de vista do narrador infantil, os serviços informativos revelam-se mais interessantes pelas notícias do estrangeiro, particularmente da inimiga África do Sul. É através delas que, com o auxílio do pai, o pequeno descobre o camarada Nelson Mandela, a discriminação que afeta os negros naquele país e o caráter não representativo do governo em relação ao povo (26). O despertar da consciência política do pequeno é indissociável destes momentos.

A visita da tia Dada permite igualmente estender os horizontes do protagonista a outras realidades. O pequeno fica surpreendido pelos contrastes entre o seu país e Portugal, onde não há cartão de abastecimento (47) e o presidente da república pode andar a pé e sem guarda-costas (56). A tia Dada não tem menos surpresas, pois aquela Angola onde não pode tirar fotografias “por razões de segurança de Estado” (40), nem visitar uma praia porque é dos soviéticos (55), nem permanecer dentro do carro quando passa o camarada presidente (54) diverge bastante da colónia que ela conheceu. Este encontro é enriquecedor tanto para a tia como para o sobrinho. Por motivos diversos e com diferentes implicações, ambos passam a ver Angola de uma outra maneira.

¹⁴ Uma caracterização detalhada deste subgénero literário é feita na nossa dissertação de doutoramento.

Os da minha escola

Para além da família e da casa materna, a escola é também uma presença obrigatória na rotina diária do menino. Se é verdade que "in all novels older or modern, that can be denominated as *Bildungsromane* schools or schooling are either absent or peripherally irrelevant to the protagonist's development" (Sammons, 1981: 231), neste caso concreto é de recordar que "Com a proclamação da República Popular de Angola, a educação foi assumida como fator preponderante para a revolução que se desejava realizar" (Ruivo, 2007: 295).¹⁶ Por isso a escola torna-se um local democrático por excelência, no qual convivem crianças de variadas proveniências sociais, com tudo o que isto implica de possibilidades de conhecimento de outras realidades para além da individual.

A afirmação "A caneta é a arma do pioneiro", inscrita nos cadernos do ensino primário,¹⁷ reflete bem o valor conferido à educação naquela época. Ela integra uma intervenção da professora Sara, para quem estudar é uma missão e a escola um prolongamento de casa, numa curiosa contaminação entre o público e o privado:

Como dizia a professora Sara, parece que vocês não sabem que a vossa missão é estudar, talvez daí aquela dica da caneta ser a arma do pioneiro. Ou então ela dizia não se esqueçam que a escola é a vossa segunda casa [...]. (28-29)

Neste aspeto, podemos dizer que a infância é encarada na perspetiva da edificação de um país, sendo a instrução um instrumento valioso para a construção do homem novo, o tal pioneiro de uma nova era, cuja atuação ultrapassa o nível meramente individual, como explica o professor Ângel: "*Sus opciones de formación, bien sean profesores, mecánicos, médicos, operarios, campesinos... también esa opción es una batalla, una elección que cambia el rumbo de nuestro país*" (110). A esta posição subjaz uma determinada visão da infância, apresentada pelo mesmo professor: "*los niños son las flores de la Humanidad!*" (111). Esta metáfora, evocativa da comun afirmação de que "As crianças são o melhor do mundo", exprime o olhar utópico do professor Ângel, para quem as crianças garantem a esperança num futuro melhor.

Neste contexto, a escola torna-se uma espécie de quartel, pois, antecipando os entraves ao novo designio nacional, pretende-se mobilizar a energia, o empenho, a dedicação das crianças angolanas à causa escolar e nacional. De facto, para além do discurso da professora Sara, são vários os momentos em que o léxico militar ocorre em contexto escolar:

a camarada diretora mandou desmobilizarmos (84)
fizemos formação e cantámos o hino (43)
la educación es una batalla (110)

Os líderes de todo este processo são os professores cubanos. O facto de serem estrangeiros não impede um bom entendimento com os alunos, dando a sua presença lugar a uma experiência intercultural bem sucedida: "Nós gostávamos de todos os professores cubanos, também porque com eles as aulas começaram a ser diferentes." (18)

Para além dos métodos de ensino, eles destacam-se pela sua vida simples, que ilustra os princípios que procuram passar aos alunos nas diversas intervenções doutrinárias por

que são responsáveis no romance. O relógio que o professor Ângel nunca teve (17), as calças coçadas do professor de Física (67), a avidez com que o casal Ângel e Maria comem cometa de morango (43, 108), a modestia da casa deles (122), a dedicação à causa angolana e a abnegação de quem vem "para um país que não é o deles" (74) ensinar e, sobretudo, lutar, manifestam as convicções de quem afirma:

El bien que se hace a otra persona, el bien que se hace al país, a la sociedad, está en sus corazonas, nace allí [...]. Angola está llamado los primeros pasos en otra dirección, pero puede ser una buena dirección, todo depende de los hombres, de sus corazonas, de la firmeza con que luchan por sus ideales, de la simplicidad que pongan en sus acciones, del respeto que sientan por los compañeros ... [...]. La simplicidad es un valor a retener! (110-111).

Os professores cubanos, ao não se limitarem aos conteúdos das matérias que lecionam, comportam-se como os mestres que, no chamado romance pedagógico ou romance de educação, seguem um programa educativo cuja validade se pretende demonstrar.

Portém, como é típico do *Bildungsroman*, não é enquanto espaço de transmissão de conhecimentos que a escola se destaca neste romance. Apesar da empatia entre os professores cubanos e os alunos, nem por isso estes são ávidos de saber: "Mas lá ao longe vi o Murtala chegar acompanhado do camarada professor Ângel e da mulher dele. Perdi as esperanças que fosse haver borla." (41) O bom relacionamento entre eles também não se reflete no comportamento dos alunos, como podemos ver pelo episódio em que o Cláudio e o Célio se deitaram ao chão quando a professora Maria lhes disse "ustedes quedense aia, ou ai ou que!" (16). Na verdade, para os alunos, a escola é, antes de mais, um local de convívio atrapalhado pela chegada do professor: "Ficávamos ali a conversar fora da sala, sempre com esperança de que o professor não viesse." (28)

Para o protagonista, em particular, estes momentos informais e interparres propiciam a transmissão de estórias, indicando o gosto dos pequenos em geral pela fabulação, e, no que diz respeito ao narrador, provavelmente, o germe de uma vocação literária:

Isso só me chateava porque em vez de ficarem a contar estórias, alguns colegas ficavam aquele tempo a dormir, enquanto os professores não chegavam. (41)

Enfim, a escola é um lugar onde se manifestam a irreverência, a criatividade e tendência para o sonho dos mais pequenos:

Os mais velhos não fazem disciplina na sala de aulas, não apanham falta verdadeira, não dizem disparates na sala de aulas com professores cubanos que não entendem esses disparates, os mais velhos não aumentam automaticamente as estórias que contam, os mais velhos não ficam assim um monte de tempo a falar de coisas que uma pessoa já fez ou gostava de fazer, os mais velhos não sabem o que é uma boa estigal! (93)

Estes aspetos valorizados do ponto de vista infantil não se coadunam bem com a responsabilidade, o espírito de entreajuda e a dedicação ao trabalho escolar que os camaradas professores pretendem criar nos alunos:

Os professores escolhiam dois monitores por disciplina, o que primeiro gostávamos porque era assim uma espécie de segundo cargo (por causa do delegado de tur-

¹⁶ Reportando-se ao período da guerra colonial, As aventuras de Ngunga e Magonbe insistem também

nesta necessidade.

los compañeros menos capacitados [...] e tinha que se saber tudo sobre essa disciplina e não se podia tirar menos que 18. Mas o mais chato de tudo era que tinha mesmo de se fazer os trabalhos de casa porque era o monitor que controlava isso no início da aula. (18)

O momento alto do final de ano letivo representado em *BDC* é a história do Caixaão Vazio, *gang* implacável que se dizia atacar as escolas handenses e cuja intervenção no romance fornece um contraponto cómico ao discurso dos cubanos. Perante o suposto ataque, enquanto o camarada professor de Física ordena “– *De aquí no sale nadie! – [...] – Nos quedamos aquí hasta la muerte; vamos a combatir al enemigo hasta el fin; vamos a defender nuestra escuela!*” (69), a turma foge, desesperada, levando-o na enxurrada. A coragem não é o forte destas crianças assustadas, que, neste aspeto, estão bem longe não só do modelo cubano, como também de Ngangula, o herói-menino que “foi torturado, lhe deram bué de chapadas, bué de bicos, mas ele não disse onde era o acampamento dos guerrilheiros...” (100), segundo a versão oficial difundida pela escola. O didatismo subjacente à atuação dos professores cubanos parece comprometido, como é típico do *Bildungsroman*, onde o confronto com a realidade substitui a receita pedagógica na formação individual.

Neste episódio, as crianças acabam por ser vítimas da sua tendência para a etabulação, característica talvez comum aos angolanos em geral, já que, segundo o narrador, se é que podemos confiar nele, “[...] toda a gente que eu conheço aqui em Luanda aumenta histórias [...]” (79). Além disso, os limites entre ficção e realidade, em Luanda, parecem não ser muito nítidos, pois nesta cidade nada é impossível: “aqui em Luanda, não se pode duvidar das histórias, há muita coisa que pode acontecer e há muita coisa que, se não pode, arranja-se uma maneira de ela acontecer” (106).

São estas vivências que configuram o que o narrador designa como “os melhores tempos da nossa vida” (92), ou, noutra passagem, “uma só coisa que um dia destes ia mesmo acabar” (93). Em ambos os casos se evita a palavra “infância”, como se o narrador ainda não soubesse como designar esses anos dourados, em que vivia no paraíso.

Um fim que é um recomeço

A visita da tia Dada, a participação num programa da Rádio Angola e no desfile do 1.º de maio, a expectativa decorrente da anunciada visita inesperada do camarada Inspector e da simultânea ameaça do Caixaão Vazio conferem à primeira parte um tom ascendente que se desvanece na segunda parte, como se se tratasse do refluir de uma onda. O regresso da tia Dada a Portugal e, sobretudo, o retorno dos professores cubanos ao seu país vêm abalar o mundo perfeito do narrador-protagonista. Estes são, de facto, momentos dolorosos para ele, uma vez que, como declara num discurso que se torna mais sério e introspectivo, “Isso de despedidas, eu não gosto nada” (107).

Além disso, esclarecida a empolgante história do Caixaão Vazio, tão vazio que nem existia, a realidade escolar perde o seu *élan* e surge-nos agora dominada pelos exames finais. Este período do ano letivo é igualmente penoso para o narrador-menino:

O fim dos anos letivos era sempre uma coisa muito chata para mim, porque ficava com saudades dos meus colegas, das nossas brincadeiras, até dos camaradas professores, até das palavras de ordem, até de cantar o hino, até de ir ao quadro, até da *limerca* geral da escola, até de *tocar* estrinha nos corredores, embora quando se

apanhados pelo camarada subdiretor e levamos todos duas reguadas em cada mão, tudo isso, era uma só coisa que um dia destes ia mesmo acabar.

Nesses dias, quando me acontecia não conseguir evitar pensar nessas coisas, ficava muito triste [...]. (92-93)

Além disso, esta época do ano escolar também implica despedidas dos alunos que não voltam, contribuindo para a desagregação do mundo do protagonista, preocupado porque “essa turma está a acabar” (91).

A morte de António, súbita e inexplicada (e inexplicável), é talvez o golpe mais duro sofrido pelo protagonista nesta altura delicada. Esta perda substancial junta-se às outras para abalar definitivamente o mundo estável do protagonista e agudizar “o sentido do final”. Acrescenta-se que, segundo Bosetti, o encontro com a morte, bem como com o sangue, corresponde à descoberta do mal e, simultaneamente, à perda da inocência. (Bosetti, 1987, 369) Compreende-se por isso que a morte, embora não vitime geralmente os protagonistas, marque presença no processo de crescimento de alguns *Bildungshelden*.

Apesar deste cenário, não é um narrador-protagonista amargurado que encontramos no fim do romance. O anúncio do final da guerra civil e do monopartidarismo, sublinhado por “uma carga d’água daquelas valentes” (134), idêntica à do final de *Yaka*, de Pepetela, atua como um “espanador de tristezas”, pois o protagonista, recordando que “a água faz ‘elodir um novo ciclo’” (135), conjectura: “‘Epa... E se chovesse aqui em Angola toda...?’ Depois sorri. Sorri só” (135). Após uma sequência de perdas, o protagonista recupera o ânimo, contagiado pela bonança que, apesar da tempestade, se anuncia para a nação. Mais uma vez, as palavras de Bakhtine sobre o romance de aprendizagem realista não podiam vir mais a propósito: “L’homme se forme en même temps que le monde, il reflète en lui-même la formation historique du monde. L’homme ne se situe plus à l’intérieur d’une époque mais à la frontière de deux époques, au point de passage d’une époque à une autre époque. Ce passage s’effectue en lui et à travers lui” (Bakhtin, 1984, p. 230). O jovem, tal como o seu país, fica assim na fronteira de uma nova fase da sua vida. *BDC* exhibe o final aberto típico do *Bildungsroman*, pois sendo a autoformação um *work in progress*, não pode haver senão remates provisórios.

No final do romance, da contraminação do individual pelo coletivo desprende-se uma nota de otimismo com efeitos em ambos os domínios. Ver em *BDC* apenas uma representação de Angola após a independência deixa na sombra outra dimensão não menos importante da obra. É verdade que nela há História, mas com gente a crescer dentro.

Bibliografia

- Bakhtine, Mikhail (1984), “Le roman d’apprentissage dans l’histoire du réalisme” in: *Esthétique de la création verbale*, Paris, Gallimard, 211 e 261.
- Bosetti, Gilbert (1987), *Le mythe de l’enfance dans le roman italien contemporain*, Université des Langues et Lettres de Grenoble, ELLUG.
- Gutierrez, Suzana Pilar Lopes Cardoso (2011), “A infância é um antigamente que sempre volta: representações da angolanidade no romance *Bom dia camaradas*”, disponível em <http://www.cult.ufba.br/encucf2008/14589.pdf>, consultado em 05/08/2011.
- Lecarme, Jacques (1988), “La légitimation du genre” in: Lejeune, Philippe (dir.) (1988), *Le récit d’enfance en question*, Cahiers de sémiotique textuelle 12, Centre de Sémiotique

Macedo, Tânia (2007), "Monandungues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola", in: Chaves, Rita / Macedo, Tânia / Vecchia, Rejane (org.), *A kinda e a misanga. Encontros brasileiros com a literatura angolana*, S. Paulo, Cultura Acadêmica/Angola, Nzila, 357-373.

Ondjaki (2007), *Bom dia camaradas*, Lisboa, Caminho.

"Ondjaki - novo livro + entrevista", disponível em <http://ricardorio.blogspot.com/2008/05/ondjaki-novo-livro-entrevista.html>, consultado em 31/08/2011.

Ribeiro, Ana (2010), "Infância no pós-independência angolano" em *Avó Dezanove e o segredo do soviético*, in: *Diacrítica*, n.º 24/3, 265-277.

_____. (2005), *Aprender com as mulheres: presenças do feminino no romance de aprendizagem portugues do século XX* (Texto polycopiado), Braga, Universidade do Minho.

Ruiivo, Marina (2007), "Pelos olhos do menino, a camaradagem e os sinais das mudanças na Angola do pós-independência", in: Chaves, Rita / Macedo, Tânia / Vecchia, Rejane (org.), *A kinda e a misanga. Encontros brasileiros com a literatura angolana*, S. Paulo, Cultura Acadêmica/Angola, Nzila, 293-301.

Sammons, Jeffrey L. (1981), "The mystery of the missing *Bildungsroman*, or: What happened to Wilhelm Meister's legacy", in: *Genre*, XIV, Summer 1981, 229-246.

http://www.angoladigital.net/artecultura/index.php?option=com_content&task=view&id=871&Itemid=39, consultado em 26/08/2011.

http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12046, consultado em 05/08/2011.

conversacomricardopinto.blogspot.com/2010/07/ondjaki-analise-do-romance-bom-dia.html, consultado em 05/09/11.

<http://www.cult.ufba.br/enecult/2008/14589.pdf>, consultado em 05/08/2011.

<http://www.guiadeleitura.com/2010/09/ondjaki-e-a-poesia-da-infancia.html>, consultado em 31/08/2011.

<http://ricardorio.blogspot.com/2008/05/ondjaki-novo-livro-entrevista.html>, consultado em 05/08/2011.

<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10079>, consultado em 05/08/2011.

<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,011569941-EI6595,00.html>.

<http://www.uangola.com/index.php/entrevistas/item/365-hei-de-escrever-enquanto-fizer-sentido.htm/>, consultado em 25/08/2011.

Fábulas; Lessing, Portugali: XVIII, XIX, XXI

FERNANDO RIBEIRO

1.

Em 1821, Garrett (1799-1854) confessa estar a imitar "(...) uma composição alemã do século passado (...)", não se recordando porém do respectivo autor (Garrett, 1963 I: 1708).

Em 1853, "O Menino e a Cobra" surge em quinto lugar no seio da pequena coleção de nove poemas intitulada *Fábulas e Contos* inserida na 2.ª edição de *Folhas Cadidas* (Monteiro, 1999: 141).

O autor alemão chama-se Gorthold Ephraim Lessing (1729-1781), criador da fábula imitada e intitulada *Der Knabe und die Schlange* - a terceira em trinta constantes do II Livro, centro de obra tripartita publicada em 1759 pelo editor C.F. Voß em Berlim e intitulada *Fabeln. Drei Bücher. Nebst Abhandlungen mit dieser Dichtungsart verwandten Inhalts. [Fábulas. Três Livros. Acrescidos de Tratados de Conteúdo Aprentado com esta Espécie Literária]* Igualmente em 1853, a Imprensa de Francisco Xavier de Souza em Lisboa publica *Fábulas de G.E. Lessing, traduzidas do alemão pelo «Médico e Cirurgião pela Escola de Lisboa Professor de Geographia, Chronologia e História no Lyceo Nacional da Mesma Cidade, etc.»* (Pereira, 1853: Frontispício) de nome João Félix Pereira (1822-1891).

Lessing, escolhido, porque "De todos os escritores de seu tempo nenhum fez tantos serviços à literatura allemã." (Pereira, 1853:11), para quem - assim na "Biographia" introduzindo as traduções - "Shakespeare (...) tinha em sua [de Lessing] opinião o mérito dramático dos gregos" (1853:14-15) e cujo estudo e discussão deste mérito fizeram "A Dramaturgia, Emilia Calloti, o Laocoon e Nathan pertençeltem certamente ao número dos modelos que mais contribuíram para dar à lingua allemã a precisão, de que se julgava insusceptível." (1853: 15), tornando Lessing "(...) para a sua epocha, como Luther para a sua o verdadeiro modelo clássico." (*Idem, ibidem*)

Nesta "Biographia de Lessing" (Pereira, 1853:11-16) atreza-se o valor de criador de noventa fábulas em prosa traduzidas na íntegra e publicadas em edição bilingue.

Cerca de trinta anos mais tarde, 1880, a *Typographia Occidental do Porto* publica a 1.ª edição (Pereira, 2007:187), vindo a segunda - a agora utilizada -, a ser publicada em Lisboa, 1883, pela Livraria Ferreira: revista e muito aumentada intitulase-se "Fábulas escolhidas de entre as de Lessing traduzidas literalmente em prosa e imitadas em verso por Henrique O'Neill" (1821-1889). Nesta obra, em "Breve Notícia Acerca de Lessing e das suas obras" reconhece-se o autor germânico como o "fundador do theatro allemão que exerceu uma poderosa influencia sobre o gosto litterário dos seus contemporaneos" (O'Neill, 1883:XII), através de "(...) *Fábulas*, nas quaes, se não pôde competir em graça e ingenuidade com o bom do La Fontaine, fica-lhe incontestavelmente superior como philosofo e moralista." (*Idem, ibidem*). Nesta edição, H. O'Neill seleccionou e traduziu 23, 21e 25 respectivamente do I, II e III Livros contendo trinta fábulas cada e constituindo parte de colectânea de Lessing. O'Neill inova contudo, tal como Garrett, ao fazer acompanhar as referidas traduções em prosa de adaptações em verso na segunda